S.L.R.

VOL. I. DOMINGO 26 DE ABRIL DE 1857. N. 6.

A BORBOLETA.

BIBL. NAC. E FOBL. DA CO...

A Borboleta adejando
Por toda a extensidade,
Promette aos seus leitores
Dizer sempre a verdade.

Em nossos tôscos escriptos
Guardarémos regras boas,
Que é dos vicios fallar
Sem nomear as pessoas.

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.
2.454
52

Publica-se aos Domingos, e subscreve-se a 500 rs. mensaes (pagos adiantados) na typographia de Peixoto & Leite, rua nova do Ouvidor n. 8.

A BORBOLETA

ELOCUÇÃO

RECITADA E DEDICADA AO SEU AMIGO O SR.

JAOQUIM JOSÉ DE ALMEIDA

POR OCCASIÃO DA MISSA DO 7.º DIA DO PASSAMENTO DE SUA PREZADA IRMÃ A ILLMA. SRA. D.

LAURINDA MARIA D'ALMEIDA

POR

BERNARDINO DE SENA DA TRINDADE GRAVATA'

á 20 de abril de 1857.

Terribilis atque lectio sublimis!
Cum te male estudant homines!
Do Autor.

Eis-nos aqui reunidos, Srs. e para que?! Para lamentarmos a sentidissima perda de uma filha obdiente, de uma esposa honesta e de uma mãe carinhosa; daquella que, deixando inconsolaveis seus extremosos paes, subtrahida pela ceifadora mão da impavida *morte* ao seu fiel consorte, e ainda mais privada para sempre da estimavel companhia de seus queridos filhinhos, ultrapassou as regiões ethereas, para habitar á mansão celeste.

Sim, Srs., a Illm. Sra. D. Laurinda Maria d'Almeida, que como filha conseguio fazer a gloria de seus cuidadosos paes, como esposa, sempre incançavel no cumprimento dos sagrados deveres da virtude, fez um merecido jus a particular estima de seu fiel consorte, e como mãi carinhosa deixou na orphandade de seus tenros filhinhos uma lacuna assaz difficil de prehencher, era uma Sra., cujos bons sentimentos enobrecião suas qualidades, na practica da boa moral: sensivel ás miserias humanas, ella [illegible] prasia de soccorrer ao infeliz que procurava o seu abrigo, nao só ministrando-lhe a esmola como tambem suadindo-o no caminho da virtude; e em suas contrictas orações jámais esquecia o interceder ao Todo-Poderoso, pelo allivio dos soffrimentos dos vivos e pela salvação das almas dos mortos; fiel ao sagrado juramento conjugal, ella não poupava occasião de provar a seu amavel consorte as qualidades de uma esposa virtuosa quer no cumprimento de seus deveres domesticos, quer no zelo extremoso de uma boa mãi de familia; cuidadosa na educação de seus presadissimos filhinhos, ahi mostrava ella até que ponto póde chegar o amor de verdadeira mãi, instruindo-os no amor da charidade, no temor de Deus, no respeito aos seus maiores e na santa moral de uma verdadeira christãa; finalmente generosa para com todos, até com seus proprios emulos ella se congratulava.

Morreu, sim! E para sempre separada do numero dos viventes, sua alma voou á eternidade, apoz um longo soffrimento de incombativel enfermidade. Hoje já envolto seu corpo com a terra, nadando ainda em seu proprio sangue, jaz encerrado sob a fria campa

cujo receptaculo, occultando a nossos lacrimosos olhos a presença daquella que por tão eximias qualidades soube grangear subidas consideraçõcs entre as creaturas, roubou-nos um original da virtude a mais exemplar; deixando unicamente a seus paes e parentes uma dor eterna, a seu prezado esposo uma saudade inconsolavel, a seus filhinhos a escaça lembrança de seus carinhos e a nos sinceros amigos da familia a perda de sua estimavel presença!

A terra te seja leve! E lá dessa morada celeste, que ora habitas, implora a Deos por teos inconsolaveis paes, esposo filhos e parentes; em quanto eu, abraçando a teu charo irmão, communico-lhe a acerba dôr que me punge a alma.

Requiescat in pace.

O sentimento.

(Continuação do n. 5)

III.

Contemplai agora leitores, e amaveis leitoras, este quadro, imaginai uma formosa e gentil donzella, em cujo rosto amorenado se vê brilhar uns meigos olhos, dessa côr d'ebano que nos faz arrebatar pela doce expressão, que tão sympathicamente symbolisa com os unacarados labios e alvura de seus dentes!

Essa joven, pois, ri e folga no começo d'uma vida ditosa, onde vê surgir-lhe um futuro risonho, e uma esperança preste a realisar o seu fim! É dotada de virtudes, pois seu coração só tem amor, e esse amor é o vulcão que lhe accende n'alma, cuja chamma scintilla em seus olhos! No gremio da virtude ella conta uma por uma as palpitações do coração; e no puro riso da innocencia, ella vai conhecendo pouco á pouco essa esperança que está preste a realisar-se:—*Ama, e é amada!*

O orgulho de sua belleza, e o objecto de seus cuidados, vão tornando sua alma indifferente aos brinces infantis; ella se formalisa com o aspecto d'uma mulher sensata; reflecte por longo tempo; abandona suas companheiras; céra pelas mais simples palavras de amor; finalmente, ella já suspira, porque—*Ama, e é amada!*

Quão feliz é o ente, que entregue aos seus desvellos e carices, gôsa em seus braços os ineffaveis extasis de sua alma nos arrebatos de voraz fogo d'amor, que, para sacciar-lhe tão gratas provas d'amizade, deixa contacto nos seus labios osculos de sua paixão e de seu cégo amor!

. . . . . .

Porém, vêde-a agora pallida e tristonha, sentada sobre um banco de pedra, d'onde seus mimosos pés pisão uma verdejante relva; seus olhos estão fictos para uma só cousa.... O chão!

Observae-a attentamente:

Suas palpebras inchadas pelo continuo chorar, seus cabellos cahidos pelas espaduas em desalinho, que com o bafejar da brisa, sibilão; seu peito arqueja anciado por uma dôr que opprime sua alma; de instante a instante sae de seus labios um gemido rouco e expansivo, quer erguer-se um pouco, e seu corpo cae como uma massa enerte: então vê-se de novo correrem de seus olhos duas lagrimas como finas perolas, que vem morrer no seu collo amorenado!.. Ali está a victima d'uma perfida traição!... Seu amante, a quem ella daria toda sua vida... Abandonou-a!

Reflecti agora um pouco:

Aquellas lagrimas que caem de seus olhos, são a expressão da dôr que sente sua alma: é a dôr do—*sentimento!*— É a recordação de seu perfido amante; é o pejo, e finalmente a vergonha de lhe ter suavisado osculos, que elle triumphará no meio de outrem, sempre que ella tiver a infelicidade de pôr-lhe a vista!....

Taes são, leitores e amaveis leitores, os pequenos traços, que vos pódem dar meu fragil pensamento sobre os resentimentos, que soffrem nossas almas: ou isto, ou reverso disto, são sempre ás lagrimas a companheira inffallivel, que demonstrão quasi sempre taes males, pela dôr expressiva d'um profundo—*sentimento;*

Cesar.

Conversa com o leitor.

Eis o nosso joven leitor deixando de dar algum passeio em favor de sua— ella, — esperando na minha conversação encontrar alguma cousa de novo.

Eis ahi tambem a nossa joven leitora, esperando encontrar novidades na minha conversa, deixando de escrever o ultimo periodo

da decima cartinha que, ás escondidas do papae e da mamãe, escrevia a favor desses que por sua causa, dão com mais rapidez lucro ao sapateiro e são conhecidos, sem querer, pelo taberneiro da esquina, e pelo barbeiro de defronte.

O velho leitor talvez que estallando por novidades, deixe o seu Carlos Magno para vir conversar comigo.

E até póde ser que alguma leitora, (não digo velha porque póde zangar-se) deixe de pôr os fundilhos em alguma ceroula de seu estimavel PEDAÇO, para, endireitando os oculos, lançal-os sobre a minha conversa, sequiosa de matar a sêde da curiosidade na taça das novidades.

Pois, meus estimadissimos leitores, parece-me que vos prégo a todos uma tremendissima REGATA.

Posso assegurar-vos que:

Se não tivesse de vos dar
Contas da minha pessôa,
Ia pescar na Gamboa,
Sem com isto me importar;
Comtudo vou relatar,
Certo caso, que segundo
Me disse meditabundo
Um sujeito de importancia,
Vai por uma extravagancia
Exterminar-se este mundo.

Não sei se a noticia é verdadeira; o astrologo que annunciou o COMETA devia ter prevenido aos autores das folhinhas, poupando-lhe o trabalho de fazer este anno com doze mezes, mas talvez que a descoberta fosse tarde, e não houvesse tempo de fazer-se a prevenção.

E que tal meus leitores! Temos o mundo acabado por um diluvio, graças á uma reflexão que fiz sobre o tal COMETA; agora o que eu não posso affirmar é a qualidade do diluvio: se elle for de agua não estranhamos muito, pois temos tido o panno da amostra.

Mas segundo a outra reflexão que fiz, nós vamos ter com toda a certeza um diluvio politico.

O DIARIO DO RIO profere as seguintes palavras no seu espirituoso livro de Domingo —« A cada passo o cidadão encontra..... « não um punhal, como dizia o Sr. Magalhães « pela boca de Antonio José... mas sim um « homem politico.

Essa dissertação veio confirmar a minha desconfiança, e julgo que tive toda a razão em assim reflectir. A politica começa a abrir a bôca, não sei se para engolir alguma cousa, ou se é tão sómente para bocejar, d'ahi talvez seja para mostrar o seu descontentamento para com o astrologo que annunciou o fim do mundo, pois com esta noticia, serlhe-hia custoso dar um abraço na realisação do seu projecto.

A medecina não deve estar muito contente. A escriptura nos diz que os mortos resuscitarão no fim do mundo e a lembrança desta catastrophe deve-a ter posto em muito maus lençóes!

Preparemos nos portanto para receber o COMETA, e como ainda tenhamos seis domingos para conversar com o leitor, trataremos de obter o verdadeiro systema para aguardar tão funesto acontecimento.

POESIAS.

Denuncio.

Amo a quem com amor me ama,
Estimo a quem me quer bem;
Desprezo como desprezado fora
A' quem me odeia tambem!

Tenho um coração, sei amar;
Mas com amor puro e leal...
Tenho por timbre a — *gratidão*
Voto que não ha outro igual!...

Sinto em minh'alma o fogo d'amor
Como no peito sinto a paixão...
Mas ah! eu só encontro no mundo
A mais vil e perfida traição!

Cezar.

AO PASSAMENTO

DA ILLMA. SRA. D.

LAURINDA MARIA DE ALMEIDA

O. D. C.

AO SEU PREZADISSIMO IRMÃO

JOAQUIM JOSE' DE ALMEIDA

Pela fouce fatal da austera morte,
Foi dissipado os teus dias preciosos,
E sem o teu doce carinho maternal
Ficaram teus filhinhos extremosos!

Tu, ainda na flor da juventude,
Fruias o prazer e a felicidade;
Porém a morte cruel ceifou-te a vida,
E qual anjo voaste á eternidade!

Porque, ó morte, o teu golpe não empregas
Na traição, malvadez, no vicio rude?
Porque não poupas, ó morte, a existencia
Da bondade, da belleza e da virtude?!

Mas tu, ó morte cruel, ês bem tyrana!...
Quando julgamos 'star no gozo da ventura,
E' quando sem compaixão vibras a fouce,
E nos arrojas n'um instante á sepultura!

. . . . . .

E tu, ó cara joven, que com os anjos
Na Celeste Mansão foste habitar,
Por teus filhos, pais, irmãos e teu espozo
Incessante não deixes de rogar!

Por seu amigo e collega

José Ferreira de Mattos.

CHARADAS.

Eu sou na Tartaria,
Titulo nobre e honroso;
Tenho mando absoluto,
E sou senhor poderoso. 1

Se a dita nascer faço
Sou prima parte do dia
A mesma deosa Diana
Sem m'm não existiria. 1

Quando o pobre desgraçado
Em triste miseria jaz,
Aquelle que é generoso
Compadecido assim faz. 1

CONCEITO.

Se branca côr
Eu expliquei,
D'uma joven
Nome serei.

E ainda que de conhece-la
Não goze a felicidade,
Mesmo assim já lhe consagro
A mais sincera amizade.

D. . . .

Apellido conhecido. 1
De questão sou a metade. 1

CONCEITO.

E' sobre nome de um joven
Aquem consagro amizade.

Nunca estou acompanhado. 1
Sirvo em terra e no mar 1

Conceito.

Com certeza vós me haveis
Nas cozinhas encontrar.

Interjeição de suspender. 1
Um pronome conhecido. 1

CONCEITO.

Pelos mattos me achara's
Nos buracos escondido.

Mattos

A charada do n. antecedente é: — *Cigarra*, e o logogrypho — *Supapo*.

TYP. DE — PEIXOTO & LEITE — 1857.